



RODRIGO DE OLIVEIRA

ELEVADOR

16

AS CRÔNICAS DOS
MORTOS

 FARO
EDITORIAL

RODRIGO DE OLIVEIRA

As crônicas dos mortos

ELEVADOR 16



ELEVADOR 16



MARIANA OLHAVA impacientemente para o pequeno teste de farmácia em suas mãos, aguardando o veredicto que poderia mudar radicalmente a sua vida. Ela só não estava certa de qual tipo de mudança seria aquela, se para melhor ou para muito pior.

Os minutos se arrastavam. Será que aquilo estava certo? Talvez ela tivesse feito algo errado; afinal de contas, era a primeira vez na vida que usava um teste de gravidez.

Seu corpo, nos últimos dias, vinha dando sinais de que algo estava diferente. Enjoos matinais, cansaço excessivo, nervos à flor da pele. Tudo muito estranho. Porém, como enfrentava uma rotina de trabalho muitíssimo estressante, Mariana concluiu que aquilo poderia ser a origem dos distúrbios. Até mesmo o súbito ganho de peso teria como explicação a alimentação desequilibrada das últimas semanas.

Todavia, com o atraso de vários dias de sua menstruação, começou a desconfiar do verdadeiro motivo de tudo aquilo.

Ela e Raul haviam tomado todos os cuidados? Sabia que não. Sobre tudo em sua última reconciliação, depois de mais um rompimento. Eles foram para a cama algumas vezes sem nenhuma precaução, cegos pelo entusiasmo e desejo.

Mariana hesitou muito em tirar a dúvida, então entendeu que a atitude apenas prolongava a angústia. A menstruação estava atrasada quase um mês, e os sintomas de uma possível gravidez não paravam de surgir. Ou estaria doente. De todo modo, uma vez feito o teste, só lhe restava aguardar alguns segundos pelo resultado. Torcia para que desse negativo.

Quando as duas barras vermelhas surgiram no meio do pequeno objeto que mais lembrava um termômetro, seus olhos se encheram de lágrimas. Mas não eram de alegria...

* * *

Mariana demorou quase trinta minutos para sair do banheiro da empresa na qual trabalhava. Estava arrasada e precisava se recompor. Não queria voltar à mesa chorando. E, acima de tudo, não queria que Raul, que trabalhava na mesma sala, percebesse algo.

Aquele era mais um dia comum numa empresa de desenvolvimento de sistemas em São Paulo. A equipe, composta por jovens analistas e programadores, trabalhava intensamente num importante projeto que já estava atrasado. Por isso, todos tiveram de abrir mão de seus dias de descanso e se encontravam ali, trabalhando em pleno sábado, no dia 14 de julho de 2018.

A empresa funcionava num gigantesco prédio de escritórios na avenida Berrini, zona sul de São Paulo. Era um edifício moderno, todo revestido de placas de vidro interligadas por hastes de aço. Por encontrar-se espremido entre várias outras construções, causava nos funcionários a sensação de trabalharem num labirinto de vidro e aço que os impedia de enxergar a avenida.

Os setores ficavam num imenso espaço aberto com várias divisórias baixas de cor bege, alinhadas lado a lado, além de diversas salas de reunião e gabinetes dos chefes de setor.

Estavam todos tão atarefados que quase ninguém se lembrava de que aquela era uma data importante. Enfim o dia mais aguardado dos últimos anos chegara. O dia em que Absinto, o Planeta Vermelho, estaria no seu ponto mais próximo da Terra, produzindo um espetáculo visual sem precedentes.

O gigantesco planeta, descoberto pelos astrônomos no ano anterior, pusera toda a humanidade em pânico. Em todos os países, milhões de pessoas foram para as ruas, certas de que a aproximação do misterioso corpo celeste iria destruir a Terra, visto que Absinto tinha mais de vinte vezes o tamanho do nosso planeta.

Os cientistas, no entanto, descobriram que ele não representava uma ameaça — passaria a uma distância bastante segura da Terra. Assim, o

susto se transformou em festa e cidadãos de todas as idades e classes sociais ao redor do globo se prepararam para observar com detalhes o gigantesco visitante cósmico.

Para aquela equipe, entretanto, nada daquilo importava. Estavam todos cansados após várias noites maldormidas. Os funcionários se mostravam impacientes e irritadiços e os conflitos não paravam de acontecer. Tratava-se de um grupo de cerca de vinte pessoas, além de mais uns dez funcionários de outras áreas, todos fazendo hora extra em pleno sábado.

E dentre toda aquela gente que não dava a mínima para o Absinto, Mariana era a mais indiferente. Para ela havia questões muito mais relevantes que a passagem de um fenômeno da Natureza.

Aos vinte e quatro anos, ela não se sentia preparada para ser mãe. Aliás, Mariana nem queria ser mãe. Não naquele momento. Não daquele pai.

Mariana Fernandes era uma mulher muito bonita, com cabelo castanho-claro liso, olhos verdes e pele branca com pequenas sardas que lhe conferiam um ar doce e angelical. Ela possuía um corpo belo também, entretanto, sem ser excessivamente sexy.

Era uma competente analista de testes, com olho clínico e perfil detalhista. E agora ela sabia que estava encrencada.

Apesar de maior de idade, Mariana ainda morava com os pais. Achar-se em um momento de crescimento na carreira. Acabara de comprar seu carro e começava a investir cada vez mais em si mesma. O que ganhava mal dava para pagar a prestação do automóvel e seus cursos; como, então, iria manter uma criança?

E Mariana sabia que seu pai ficaria furioso. Ele era um oficial militar muito rígido, que jamais aceitaria um neto gerado fora do casamento, e trataria a filha como uma completa irresponsável.

Ela se jogou em sua cadeira, exausta. Sentia-se esgotada fisicamente pelo excesso de trabalho, e agora também pelo problema gigantesco que tinha em mãos.

Torcia para que ninguém tentasse puxar conversa com ela; era tudo o que não queria. E o simples fato de pensar em ficar sozinha foi suficiente para que suas duas melhores amigas na empresa se materializassem ao seu lado, como num passe de mágica.

— E aí, tudo bom? Pronta para mais um sábado trabalhando? — perguntou Mayara, uma jovem de vinte e poucos anos. Ela era peque-

na e de ascendência japonesa. Seus óculos lhe conferiam uma aparência de *nerd*.

— Só espero que não falte café, senão eu não vou aguentar ficar o dia inteiro aqui — Joana arrematou.

Joana era muito magra e alta, com cabelo castanho-escuro e liso. De salto alto, como estava naquele momento, ela era maior que quase todos os homens da empresa. Era também a melhor amiga de Mariana.

— Sinceramente eu só queria estar na minha casa neste momento — Mariana afirmou, sincera, sem querer revelar as verdadeiras razões do seu desânimo, apesar de gostar de Mayara e da sua forte amizade com Joana.

— Eu queria mesmo estar na praia! — Joana falou. — Lá em Santos vai acontecer a maior festa por causa da passagem do Absinto, ou Hercóbulus.

— É Hercóbulus, pelo amor de Deus! — Mayara corrigiu, rindo. — Quantas vezes eu vou precisar repetir, sua lesada?

— Você me entendeu, não é verdade? Então, não enche meu saco! — Joana rebateu.

As duas amigas continuaram trocando alfinetadas, alheias ao fato de que Mariana não participava da conversa. Pior que isso, ela mal as ouvia.

A grande preocupação de Mariana era: como daria aquela notícia para Raul? Ela não fazia ideia.

Mariana e o namorado estavam numa situação indefinida, mas que pendia fortemente para um rompimento. Aquela relação já se exaurira, não havia mais o que extrair dela.

E eles tinham plena consciência disso. Já haviam rompido e reatado diversas vezes. Na prática, o que adiava o fim era basicamente o sexo. Fora da cama eles não tinham mais nada a acrescentar um ao outro, numa total dissonância de interesses, gostos e objetivos.

E agora eles iriam ter um bebê! Ambos estariam ligados por esse forte elo para o resto da vida. Justo quando tudo indicava que eles iriam, enfim, tomar rumos opostos.

Mariana sentiu o estômago embrulhando. Não podia acreditar que aquilo acontecera com ela. Queria gritar, ir pra casa, se trancar no quarto e chorar. Chorar muito.

— Não é verdade, Mari? — Joana perguntou de repente, trazendo Mariana de volta à realidade.

— Hã? O que é verdade? — Mariana nem sequer se esforçou para fingir que estava ouvindo.

— Nossa Senhora, você não ouviu nada do que eu falei? Onde sua cabeça estava? — Joana arqueou as sobrancelhas.

— Desculpe, eu me distraí. Estou cansada, só isso. — Mariana torcia para que as amigas não fizessem mais perguntas.

Joana e Mayara estranharam, mas não comentaram nada. Afinal de contas, estavam numa maratona de trabalho tão massacrante que era mais do que plausível que Mariana parecesse dispersa.

Alguns instantes depois, as amigas retornaram para as suas mesas; havia uma enormidade de trabalho atrasado.

Mariana suspirou aliviada ao se ver sozinha de novo. Precisava se concentrar e tentar terminar logo suas tarefas para poder ir embora. Caso contrário, ficaria até de madrugada no escritório, mais uma vez.

Sua tranquilidade, entretanto, não durou muito. A pessoa com a qual ela não queria conversar se aproximou. E Mariana, nervosa, mordeu o lábio inferior.

— Oi, Mari! — Raul a cumprimentou, apoiando-se na baia; em uma das mãos, um copo de café fumegante.

Raul era alto e magro, porém bastante forte. Tinha cabelo curto e escuro. Seu sorriso era perfeito e ele usava costeletas, que lhe davam um ar de motoqueiro cafajeste. Fazia sucesso entre as mulheres.

— Oi, Raul. — Mariana se esforçou para não desviar o olhar da tela do computador. Se aparentasse estar muito ocupada, talvez ele desistisse de conversar e não perguntasse...

— Está tudo bem com você?

... se estava tudo bem. *Merda!*, Mariana pensou.

— Tudo bem, só preciso me apressar. Estou com muitas tarefas atrasadas. — Mariana tentava parecer convincente. Precisava manter os olhos na tela do computador; se conseguisse fazer isso, estaria segura.

— Tem certeza? — Raul insistiu.

— Tenho sim, só preciso me concentrar, certo? — Mariana respondeu, tentando encerrar o assunto.

Precisava olhar para tela; não podia encarar o namorado.

— Se está tudo bem, por que você não olha pra mim? — Raul a fitava, desconfiado.

Mariana começou a se desesperar. Continuou olhando fixo para o monitor, procurando se manter firme.

— Mari, olha pra mim. O que está havendo? — Raul franziu o cenho. Mariana soltou um pesado suspiro e desistiu de tentar resistir. Sabia que não conseguiria mais, aquilo estava além das suas forças.

Quando ela olhou para o namorado, exatamente como previra, as lágrimas finalmente desabaram e Mariana começou a soluçar.

* * *

— Eu não acredito nisso! Sério mesmo que você está grávida? — Raul levou as mãos à cabeça, andando de lá para cá pela sala de reunião.

— Estou, Raul, infelizmente. — Mariana respondeu, mal-humorada. Aquela conversa seria bastante tensa.

— Tem certeza? Esses testes de farmácia não são muito confiáveis... — Raul argumentou, tentando encontrar algum fiapo de esperança no qual pudesse se agarrar.

— São incrivelmente confiáveis, segundo a farmacêutica, mais de noventa por cento de acerto. — Mariana, irritada, sabia que aquilo iria acontecer.

Raul iria resistir até o último segundo à ideia de ter um filho.

— Tudo bem, mas não custa fazer um teste de laboratório. De repente a gente se livra dessa encrenca — Raul insistiu.

— Não se preocupe, eu irei procurar um médico e farei todos os testes possíveis. Garanto que eu também quero livrar você dessa “encrenca”. — Mariana fez um gesto significativo com os dedos, enfatizando as aspas.

— Você me entendeu, não comece — Raul se zangou.

— Desculpe-me, mas eu também estou preocupada. — Mariana esfregou os olhos com as mãos.

— Bom, vamos ver... Deus queira que essa situação desgraçada não passe de um engano — Raul falou, sem se preocupar muito com gentilezas.

— Ah, eu tenho certeza de que isso tudo foi um grande engano! Nossas incontáveis recaídas foram o maior dos enganos — Mariana respondeu à queima-roupa.

Ela também estava por um fio e não pretendia pegar leve. Raul, entretanto, não se abalou. E decidiu voltar à carga:

— Esse filho é mesmo meu, certo?

— Calma aí! Você está insinuando que eu sou alguma vagabunda?!
— Mariana inquiriu, horrorizada.

— Eu não disse nada disso, só quero ter certeza. Nós rompemos tantas vezes, brigamos tantas vezes, de repente...

Mariana o interrompeu, colérica:

— Sim, o filho é seu, eu não dei para nenhum outro homem! Satisfeito? Vai querer um exame de DNA também? — Mariana disparou, elevando o tom de voz um pouco mais do que gostaria.

Raul não falou nada. Ficou olhando para ela de uma forma indecifrável, o que a deixou ainda mais resabiada.

— O que foi? No que está pensando agora? — Mariana perguntou, defensiva.

— Mari, você sabe que eu não posso ser pai agora. Tenho a minha vida, a minha carreira. Você entende, não é? — Raul se esforçava para encontrar as palavras.

— Aonde você está tentando chegar, Raul? — Mariana o mediu dos pés à cabeça.

— Eu estou dizendo que quero ter filhos. Mas não agora. Eu não estou pronto — Raul sussurrou.

— “Eu”, “eu”, “eu”! Você só sabe falar essa palavra, notou? — Mariana falou, imaginando o que viria a seguir.

— Mari, por favor... Não tenho dinheiro, e nem mesmo uma casa para morar. Eu divido o apartamento com um amigo, você sabe disso — Raul argumentou.

— De novo, a mesma palavra. Você nem se dá conta do quanto a palavra “eu” é importante na sua vida, certo? — Sua paciência estava por um fio.

— Mari, eu...

— Para de falar “eu”! — Mariana gritou, dando um murro na mesa.

Os colegas de trabalho do lado de fora levantaram as cabeças, olhando para a sala e tentando entender o que se passava.

— Você enlouqueceu?! — Raul se zangou também.

— Quando é que vai se preocupar comigo, Raul? Você só falou dos *seus* problemas, das *suas* vontades e de como essa “encrenca” vai atrapalhar a *sua* vida. Eu não faço a menor diferença?! — Mariana disparou, furiosa.

— Claro que eu me preocupo com os seus sentimentos! Só acho que se você... — Raul começou a frase, mas a voz sumiu no meio da sentença.

— Você só acha que eu o quê? — Mariana o desafiou, fitando Raul fixamente.

— Só acho que se você tivesse tomado as devidas precauções nada disso estaria acontecendo — Raul finalizou, encarando-a também.

— Entendi. Então a culpa é minha, certo? Eu sou a única responsável por tudo isso — Mariana falou num tom sinistro.

— Sei que tive uma participação nisso tudo e sinto muito — Raul falou, imprudente.

— Entendi de novo: você teve apenas “uma participação” nisso tudo. — Mariana repetiu o gesto enfatizando as aspas.

— Mari, entenda, a mulher é que tem a obrigação de tomar as precauções necessárias para...

— Cale a boca e suma da minha frente! Saia daqui seu desgraçado! — Mariana gritou, sem querer saber se a empresa inteira iria escutar.

— Mari, você está sendo irracional! Depois nós conversamos civilizadamente. — E ele caminhou na direção da porta.

— Eu nunca mais quero falar com você na minha vida, entendeu?! — Mariana tornou a gritar, enquanto o namorado batia a porta da sala com violência.

Ironicamente ela havia acertado em cheio. Eles nunca mais voltariam a conversar. Dali a algumas horas, a vida como eles conheciam deixaria de existir.

* * *

Por volta das treze horas, os responsáveis pelo projeto propuseram que todos parassem para almoçar, pois não tinham hora para terminar.

Mariana não sentia a menor vontade de sair para comer, mas Joana e Mayara insistiram tanto que ela decidiu ceder. Não estava com cabeça para discutir com mais ninguém.

Porém, fazia questão absoluta de manter-se bem longe de Raul. Não queria estar com ele... e para isso, a companhia das amigas seria um tipo de garantia.

A maioria dos funcionários se preparou para ir almoçar, e em instantes lotou o elevador com 16 pessoas — entre eles, Mariana, as amigas e Raul.

Raul e Mariana se sentiam desconfortáveis. Sabiam que todos haviam escutado a briga, mas ninguém da equipe tinha ciência de que eles haviam tido um romance — pelo menos não oficialmente —, pois isso feria as rígidas regras da empresa.

Mariana olhava para os números dos andares no visor. Estava ansiosa para chegar ao térreo. Ela esperava que Raul não entrasse no elevador ao vê-la entrar primeiro, pois não suportava a ideia de ficar perto dele. Mariana estava com muita raiva, a ponto de ter vontade de jogá-lo do alto do prédio.

De repente, o elevador parou, dando um grande solavanco e emitindo um som metálico e eletrônico. As luzes se apagaram por instantes, e em seguida a iluminação de emergência se acendeu, deixando tudo na penumbra.

— Meu Deus do céu, o que foi isso?! — Mariana, assustada, apoiava as mãos nas paredes, olhando em volta.

Todos se entreolharam apreensivos. As pessoas começaram a discutir e falar sobre o que deviam fazer, enquanto alguns tentavam seguir os protocolos de segurança, apertando a campainha e tentando contato pelo interfone.

Chegaram a conseguir um contato, mas em seguida a linha ficou muda. Tentaram usar o aparelho novamente, e tudo o que ouviram foi o sinal de ocupado.

— Pessoal, vamos ficar calmos, ok? — um programador chamado Zotto pediu. — Tentaremos ligar para o resgate, mas aposto que a equipe da segurança já entendeu o que houve e está vindo para cá.

Vários celulares ligavam ao mesmo tempo para os serviços de emergência, mas ninguém conseguia contato. Aquilo era estranho. Ao contrário de muitos prédios, naquele edifício o sinal de celular pegava muito bem dentro dos elevadores.

— Não é possível, não consigo completar uma única chamada! — Raul bradou, irritado.

— Nem eu. O que diabos está acontecendo?! — perguntava um homem de meia-idade ao tentar ligar pela terceira vez para o escritório em busca de alguma informação.

Não tardou para que eles comesçassem a discutir e falar ao mesmo tempo. Alguns defendiam que deviam tentar sair dali; outros argumentavam que era mais prudente aguardar o resgate.

Mariana e Raul eram os mais estressados de todos. Seus nervos estavam à flor da pele. Ela falou alto diversas vezes, causando ainda mais estranheza nos demais.

— Fique calma, Mari, está tudo bem. Daqui a pouco nós sairemos daqui — Mayara garantiu, com gentileza.

— Sinceramente eu duvido. Hoje é um daqueles dias em que nada vai dar certo — Mariana respondeu em tom sinistro.

Aquela frase causou um mal-estar geral. Todos ficaram mais quietos, pensativos... estranhos. Todos estavam prestes a presenciar algo que nenhum ser humano poderia criar, nem mesmo em histórias de horror.

Passados poucos segundos de bastante tensão e ansiedade, dez pessoas, ao mesmo tempo, começaram a passar mal e desmaiaram. Foi muito rápido e imprevisível, como máquinas arrancadas abruptamente da tomada e que desligam de um instante para o outro. E entre elas estava Raul.

Mariana olhava, horrorizada, o pai do seu filho desacordado.

— Meu Deus, o que está havendo?! — Joana tentava segurar Mayara, desmaiada em seus braços.

— Não sei! Que merda é essa?! — Zotto exclamou, tentando inutilmente sustentar um homem corpulento que caíra sobre ele. Sem sucesso, baixou o rapaz, deixando-o sentado no chão.

Não havia espaço suficiente no elevador para todos se deitarem. Assim, alguns ficaram caídos sobre os outros.

Três rapazes que continuavam de pé — Antônio, Robson e Rodolfo, que não tinham mais de vinte e dois anos — se juntaram a Joana, Mariana e Zotto na tarefa de tentar acomodar os dez enfermos no elevador apertado.

Estavam todos perplexos diante do ocorrido; nunca tinham visto nada parecido. Não sabiam o que fazer naquelas circunstâncias, e estavam tão assustados que não conseguiam nem mesmo reagir.

Para piorar, dentro do elevador, à meia-luz, sem ventilação e com várias pessoas desacordadas, o ambiente logo começou a esquentar e a se tornar claustrofóbico.

Não havia nem mesmo como encostar nas paredes. Os seis ficaram no meio da caixa de metal de menos de quatro metros quadrados.

— Meu Deus, o que vamos fazer?! — Mariana limpou o suor da testa.

O calor aumentava mais, como se houvessem acendido uma fogueira sob o piso, e a cada momento piorava. Havia algo errado. Não podia ser apenas o confinamento, eles estavam em pleno inverno.

— Nem imagino! — Zotto comentou. — E não entendo por que todos passaram mal. Todo o mundo decidiu ter uma crise de estresse ao mesmo tempo?

— Não sei, mas precisamos sair daqui! — Mariana respondeu. — Nós não sabemos o que houve com eles. E se um deles morrer, o que nós faremos?

Os seis permaneceram em silêncio por um instante. Tinham de tomar alguma atitude. Não podiam esperar. Aquelas pessoas dependiam deles.

— E se tentarmos sair do elevador? — Antônio sugeriu.

— Os bombeiros sempre dizem que não se deve sair de um elevador que está parado entre dois andares — Joana argumentou, apoiando-se nas paredes, tentando não pisar em ninguém. — É perigoso, alguém pode ser cortado ao meio.

— O que você sugere, então? — Antônio argumentou com uma ponta de irritação. — Não conseguimos falar com ninguém, e nem temos certeza de que alguém sabe que estamos presos aqui.

— Não seja ridículo, claro que já sabem! Este elevador tem câmeras de vídeo, com certeza há alguém monitorando — Joana respondeu, também impaciente.

— Nesse caso, por que ninguém apareceu, gritou para nós pelo lado de fora ou chamou pelo interfone? Estamos aqui há quase dez minutos. Alguém já deveria ter aparecido, certo? Ou será que eu estou sendo ridículo?! — Antônio a encarou.

— Calma, pessoal, precisamos manter a cabeça fria, está bem? — Mariana entrou na discussão, que só piorava.

Ficaram todos em silêncio mais um instante. Joana e Antônio, emburrados em lados opostos do elevador, com os outros quatro colegas entre eles.

Depois de uns dois minutos de hesitação, Antônio decidiu agir. Não iria ficar trancado naquele lugar, de braços cruzados, fazendo exatamente o que a chata da Joana achava certo.

O rapaz puxou para o lado um homem de meia-idade que estava desacordado e encostado junto à porta, e liberou a passagem. Os demais estranharam, mas no fundo já sabiam o que ele pretendia.

— O que você está fazendo? — Mariana perguntou.

— Eu vou sair deste lugar. Não fico neste buraco nem mais um segundo! — Antônio afirmou com convicção.